

QUEM VAMOS LAPIDAR ESTE ANO?

TÉCNICAS DE MISTÉRIO EM “THE LOTTERY”, DE SHIRLEY JACKSON

João de Mancelos¹

Centro de Línguas Literaturas e Culturas, Universidade da Beira Interior

Resumo

Shirley Jackson (1916-1965) é uma das mais célebres autoras norte-americanas nos géneros do mistério e do terror. Dentre os duzentos contos que escreveu, “The Lottery” (1948) constitui a sua narrativa mais antologada e dileta. No presente artigo, abordo um aspeto crucial para o êxito de “The Lottery”: o mistério. Começo por definir brevemente este conceito, recorrendo à Narratologia e aos estudos de Escrita Criativa. Em seguida, analiso o conto passo a passo, num espírito de “close reading”, com o objetivo de detetar as principais técnicas utilizadas pela autora para urdir o mistério: a) pistas intrigantes; b) prolongamento do suspense até ao clímax; c) reviravolta final chocante. Para tanto, recorro à referida narrativa e ao texto “Biography of a Story”, onde Jackson reflete sobre a génese e receção de “The Lottery”, a ensaios de especialistas nas áreas da Literatura e da Escrita Criativa, nomeadamente Harold Bloom, David Lodge e Nigel Watts, e, naturalmente, à minha opinião.

Palavras-chave: escrita criativa; técnicas de mistério; “The Lottery”; Shirley Jackson

¹ ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5867-9376>; Email: mancelos@outlook.com

Abstract

Shirley Jackson (1916-1965) is one of the most celebrated North American writers, in the genres of mystery and terror. Amongst the two hundred short stories she wrote, “The Lottery” (1948) constitutes her most anthologized and beloved narrative. In this article, I examine a crucial aspect to the success of “The Lottery”: mystery. I begin by briefly defining this concept, resorting to Narratology and to Creative Writing studies. Then, I analyze the story, step by step, in a close reading, to detect the main techniques used by the author to build mystery: a) intriguing clues; b) *crescendo* of suspense up to the climax; c) shocking final twist. To do so, I resort to the above-mentioned narrative and to the text “Biography of a Story”, where Jackson reflects upon the genesis and reception of “The Lottery”, to essays by several specialists in the fields of Literature and Creative Writing, namely Harold Bloom, David Lodge and Nigel Watts, and, naturally, to my opinion.

Keywords: creative writing; mystery techniques; “The Lottery”; Shirley Jackson

“This suspense is terrible. I hope it will last.”

— Oscar Wilde, *The Importance of Being Earnest* (1895)

“A solved mystery is ultimately reassuring to the readers, asserting the triumph of reason over instinct, or order over anarchy (...).”

— David Lodge, *The Art of Fiction* (1992)

1. Introdução: escândalo e êxito

O conto “The Lottery”, da escritora norte-americana Shirley Jackson (1916-1965), foi publicado, pela primeira vez, no número de 26 de junho de 1948 da *The New Yorker*, uma revista de prestígio, consagrada às narrativas breves, ao ensaio e à crítica. Trata-se de uma história que relata um rito tão macabro quanto anacrónico e se enquadra no género do terror

psicológico ou, em língua inglesa, “psychological horror”.

O terror simples constrói-se sobre eventos assustadores (situações sobrenaturais ou crimes hediondos, por exemplo), perpetrados por personagens terríficas (fantasmas, bruxas, monstros, zombies, vampiros, etc.), em locais apavorantes (com destaque para casas assombradas, florestas densas ou salas de tortura), potenciados pelo clima (tempestades ou trovoadas). Já o terror psicológico vive menos destas situações, tantas vezes estereotipadas, e sobretudo da exploração do lado mais sombrio da psique humana, do oculto, insano, bizarro e misterioso. Neste âmbito, destacam-se a realidade em contraste com a alucinação; fobias e medos profundos; paranoia ou outras doenças mentais graves; o trauma e as perturbações emocionais; a suspeita e a manipulação; os desejos subconscientes e o sentimento de culpa, etc. (Packer, 2007, pp. 87-90; Jancovich, 1992, p. 59; Strinati, 2000, pp. 90-91).

Excelentes exemplos de terror psicológico encontram-se em romances como *We Have Always Lived in the Castle* (1962) de Shirley Jackson, *The Shining* (1977), de Stephen King, *The Silence of the Lambs* (1988), de Thomas Harris, ou películas como *Cat People* (1942), de Jacques Tourneur, *The Fly* (1986), de David Cronenberg, *Black Swan* (2010), de Darren Aronofsky ou *The Lighthouse* (2019), de Robert Eggers.

No conto em análise, todos os anos, no dia 27 de junho, os 300 residentes de uma típica povoação rural norte-americana se reúnem para o maior evento do seu calendário: a lotaria a que o título alude. Subvertendo as expectativas do leitor, esta reunião não é festiva, nem culmina com o sorteio de um prémio apetecível. Pelo contrário, o encontro visa rifar, entre os membros da comunidade, uma vítima a ser lapidada, independentemente da idade, género ou estatuto social. Com este sacrifício humano, pretende-se agradar a uma divindade não nomeada que, em troca, proporciona boas colheitas, afastando, assim, o espectro da fome.

A reação da maioria dos leitores perante a história foi de choque, inundando a redação

com centenas de cartas de protesto ou mesmo cancelando a assinatura do referido magazine (Friedman, 1975, p. 63). Uma mensagem de Alfred L. Krober, antropólogo da University of California e pai da futura escritora Ursula K. Le Guin, resume esta reação: “If Shirley Jackson’s intent was to symbolize into complete mystification, and at the same time be gratuitously disagreeable, she certainly succeeded” (Franklin, 2016, p. 1783).

Pelo contrário, outros leitores, como um amigo dos pais de Jackson, reconheceram o valor literário da narrativa e a capacidade de efabulação da autora: “Only a true genius could have written ‘The Lottery’ — a story that persists in the reader, whatever interpretation may be reached, and compelling him to keep on wondering about it” (Franklin, 2016, p. 1783). Desagrado ou apreço: o enredo do conto de terror “The Lottery” não passou despercebido, nem deixou indiferentes os leitores de então e de hoje.

A autora só em raras ocasiões se pronunciou acerca desta reação antitética, ciente de que o público tem o direito de formar o seu parecer. Destaco uma palestra de Jackson sobre o assunto, transcrita e postumamente publicada sob o título “Biography of a Story”, em 1968, numa antologia:

(...) I had of course in my imagination dwelt lovingly upon the thought of the millions and millions of people who were going to be uplifted and enriched and delighted by the stories I wrote. It had simply never occurred to me that these millions and millions of people might be so far from being uplifted that they would sit down and write me letters I was downright scared to open; of the three-hundred-odd letters that I received that summer I can count only thirteen that spoke kindly to me, and they were mostly from friends. Even my mother scolded me: “Dad and I did not care at all for your story in *The New Yorker*”, she wrote sternly; “it does seem, dear, that this gloomy kind of story is what all you young people think about these days. Why don't you write something to cheer people up?” (Jackson, 2013, p. 127)

Sem dúvida que o “succès de scandale” contribuiu sumamente para o êxito da narrativa em estudo. A história não só sobreviveu à polémica, como também impulsionou o percurso

de Jackson, granjeando-lhe êxito nas letras norte-americanas. Prova da sua popularidade, dentre as duzentas narrativas que a autora publicou, “The Lottery” (1948) constitui a mais antologada e uma das diletas quer dos leitores, quer dos críticos. Integra os “currícula” de escolas secundárias e universidades norte-americanas, continuando a suscitar o interesse de estudantes e docentes. Foi adaptada ao cinema por Larry Yust, numa curta-metragem de 1969, e por Daniel Sackheim, num telefilme de 1986, com o título homónimo (Hischak, 2012, p. 130). Em suma, este conto é já um clássico e volveu-se parte da cultura popular norte-americana.

No presente artigo, abordo um aspeto crucial para o êxito de “The Lottery”: o mistério. Analiso os principais passos do conto, com o objetivo de detetar as técnicas utilizadas pela autora para urdir este tenso enredo perturbador: a) pistas intrigantes; b) prolongamento do suspense até ao clímax; c) reviravolta final chocante. Para tanto, recorro à referida narrativa e ao texto “Biography of a Story”, onde Jackson reflete sobre a génese e receção de “The Lottery”, a ensaios de especialistas nas áreas da literatura e da escrita criativa e à minha opinião.

Desta forma, pretendo dar o meu contributo para o estudo de um elemento incontornável da narrativa que, embora diversas vezes aludido na obra de Shirley Jackson, a propósito de outros aspetos, não foi, quanto a mim, ainda suficientemente explorado.

2. O que é um mistério?

No contexto de uma narrativa literária, o “mistério” pode ser definido como um enigma ou segredo que exige ao leitor persistência e capacidades dedutivas no sentido de o solucionar. A sua resolução pode ajudar a compreender tanto os acontecimentos da diegese, como as motivações mais obscuras das personagens.

Nigel Watts, especialista em escrita criativa, estabelece uma distinção clara entre “suspense” e “mistério”, conceitos diversos, mas que ocorrem, com frequência, em

simultâneo numa narrativa:

The question that suspense raises is: what happens next? That of mystery is: how did we get into this mess? Mystery is perhaps the more sophisticated of the two, inviting the reader to solve a tricky puzzle. Suspense is more barefaced: this is how life operates — unexpected things happen and we have to take action. (...) Although these genres focus on their respective questions, both types of question — mystery and suspense — are to be found in almost all fiction. Suspense and mystery can, of course, be used as cheap tricks, but so too, can they be used as the foundation for great fiction. Shakespeare, Dickens, Dostoevsky, Joseph Conrad, Thomas Hardy were all masters of the intriguing question. (Watts, 1996, p. 26)

Segundo o romancista David Lodge, o mistério resulta de uma panóplia de técnicas: falsas pistas, indícios verdadeiros, surpresas, enigmas, etc. (Lodge, 1992, p. 33). Ao longo das próximas páginas, concentrar-me-ei nalgumas destas estratégias narrativas, essenciais para a qualidade literária do enredo de “The Lottery”, analisando-as e exemplificando-as.

3. Pistas intrigantes

No conto em estudo, o mistério emerge logo no primeiro parágrafo, onde o narrador descreve um evento importante, a lotaria, mas sem especificar qual é o prémio a sortear. O “incipit” *engana* astutamente o leitor, ao esboçar uma atmosfera tranquila e bucólica, mais natural numa história pitoresca do que num conto de terror psicológico:

The morning of June 27th was clear and sunny, with the fresh warmth of a full-summer day; the flowers were blossoming profusely, and the grass was richly green. The people of the village began to gather in the square, between the post office and the bank, around ten o'clock; in some towns there were so many people that the lottery took two days and had to be started on June 2nd. But in this village, where there were only about three hundred people, the whole lottery took less than two hours, so it could begin at ten o'clock in the morning and still be through in time to allow the villagers to get home

for noon dinner. (Jackson, 2019, p. 410)

Para incrementar o mistério, Jackson semeia *pistas*, um termo importado da mitologia grega, que significa o fio condutor que permite encontrar um caminho (Winks, 1998, p. xi). Estas farão o leitor mais atento questionar a atmosfera de *aparente* celebração. Por que motivo as crianças se encontram tão agitadas e enchem os bolsos com pedras lisas e redondas? Qual será a função da pilha de seixos ominosamente armazenados num canto? Por que será que os convivas mais velhos se mostram tão reservados e desconfortáveis com o evento?

A estranheza e a inquietação do leitor aumentam quando a lotaria emerge como uma cerimónia antiga e solene, cujas origens ninguém recorda, assemelhando-se, deste modo, a um ritual não especificado (Bell, 1997, p. 4). No conto, esta formalidade é preservada: o evento é presidido pelo Sr. Summers, um indivíduo idóneo e dedicado às atividades cívicas, e tem por centro um objeto quase sagrado, uma caixa antiga enigmática e negra, uma cor tradicionalmente ominosa no género de terror, onde são guardados os pequenos papéis, em branco ou com cruces, a serem extraídos pelos participantes:

The original paraphernalia for the lottery had been lost long ago, and the black box now resting on the stool had been put into use even before Old Man Warner, the oldest man in town, was born. Mr. Summers spoke frequently to the villagers about making a new box, but no one liked to upset even as much tradition as was represented by the black box. There was a story that the present box had been made with some pieces of the box that had preceded it, the one that had been constructed when the first people settled down to make a village here. Every year, after the lottery, Mr. Summers began talking again about a new box, but every year the subject was allowed to fade off without anything's being done. (Jackson, 2019, pp. 412-413)

O narrador reforça o ambiente formal e, concomitantemente, o mistério, descrevendo, em minúcia, os preparativos e as medidas de segurança que rodeiam a lotaria. Embora, com o tempo, se tenham omitido aspetos do rito, como o cântico preparatório ou a saudação específica a cada participante, na sua essência, a solenidade foi preservada, o que sugere

tratar-se de um evento quase sagrado, que ultrapassa um mero sorteio:

The night before the lottery, Mr. Summers and Mr. Graves made up the slips of paper and put them in the box, and it was then taken to the safe of Mr. Summers' coal company and locked up until Mr. Summers was ready to take it to the square next morning. The rest of the year, the box was put away, sometimes one place, sometimes another; it had spent one year in Mr. Graves's barn and another year underfoot in the post office. And sometimes it was set on a shelf in the Martin grocery and left there. (Jackson, 2019, p. 414)

No conto em estudo, o leitor ignora aquilo que as personagens há muito sabem — prepara-se um sacrifício humano, através de uma lapidação —, mas Jackson não esclarece, de imediato, o objetivo que rodeia a lotaria, pois tal anularia o mistério.

4. Prolongamento do suspense até ao clímax

Jackson adia estrategicamente a resposta às inquietações do leitor, para espicaçar a sua curiosidade e aumentar o suspense, um elemento que se encontra em todos os géneros literários, do romântico ao drama, passando pelo terror, policial, ficção científica, fantasia, etc. Trata-se, no fundo, da incerteza que motiva o leitor a prosseguir ou mesmo a saltar páginas, para conhecer o desenlace de uma situação ou o destino de uma personagem, torcendo pelo herói e desejando a punição do antagonista, no epílogo (Mancelos, 2017, p. 49).

Sol Stein, escritor e especialista em escrita criativa, resume, com um toque de humor, o objetivo do suspense:

Readers aren't articulate about what keeps them reading a particular work. Some, impatient to find out what happens to the characters next, will say, "I can't put this book down," which means the reader's curiosity is greater than his need to do almost anything else. Suspense is a strong glue between the reader and the writing. I remember my pleasure at getting a letter from Barnaby Conrad, founder of the Santa Barbara

Writers Conference and author of many books, including the novel *Matador*. Conrad had just finished reading a novel of mine, which, he said, he had been unable to stop reading except once when he “got up to micturate.” The function of suspense is to put the reader in danger of an overfull bladder. (Stein, 2003, p. 97)

Quanto mais se prolonga o sofrimento das personagens, maior é a tensão e o desconforto experienciados pelo leitor. Como afirmou a jornalista e escritora Mignon McLaughlin, “Even cowards can endure hardship; only the brave can endure suspense” (McLaughlin, 1963, p. 38).

Para tanto, Jackson recorre a vários processos para adiar a revelação do mistério central ao conto: o que se sorteia? Principia por fazer intervir no enredo uma personagem retardatária, a Sr.^a Hutchinson, nesta altura apenas uma mera figurante, que só mais tarde assumirá uma posição de destaque:

Just as Mr. Summers finally left off talking and turned to the assembled villagers, Mrs. Hutchinson came hurriedly along the path to the square, her sweater thrown over her shoulders, and slid into place in the back of the crowd. “Clean forgot what day it was,” she said to Mrs. Delacroix, who stood next to her, and they both laughed softly. “Thought my old man was out back stacking wood,” Mrs. Hutchinson went on. “And then I looked out the window and the kids were gone, and then I remembered it was the twenty seventh and came a-running.” She dried her hands on her apron, and Mrs. Delacroix said, “You’re in time, though. They’re still talking away up there.” (Jackson, 2019, pp. 415-416)

Quase em seguida, protelando um pouco mais o início da cerimónia, o Sr. Summers apercebe-se da ausência de um membro da comunidade, o Sr. Clyde Dunbar. A sua esposa, Janey, explica que o marido partira uma perna e, por isso, não pudera comparecer. De acordo com as rígidas regras da lotaria, terá de ser ela a retirar um dos papéis da urna, em nome do esposo.

Após estes percalços e incidentes, a cerimónia principia, finalmente, num silêncio

tenso:

A sudden hush fell on the crowd as Mr. Summers cleared his throat and looked at the list. “All ready?” he called. “Now, I’ll read the names — heads of families first — and the men come up and take a paper out of the box. Keep the paper folded in your hand without looking at it until everyone has had a turn. Everything clear?”

The people had done it so many times that they only half listened to the directions: most of them were quiet. Wetting their lips. Not looking around. Then Mr. Summers raised one hand high and said, “Adams.” A man disengaged himself from the crowd and came forward. “Hi. Steve.” Mr. Summers said. And Mr. Adams said. “Hi. Joe.” They grinned at one another humorlessly and nervously. Then Mr. Adams reached into the black box and took out a folded paper. He held it firmly by one corner as he turned and went hastily back to his place in the crowd. Where he stood a little apart from his family. Not looking down at his hand. (Jackson, 2019, pp. 418-419)

À medida que o Sr. Summers chama o nome do representante de cada família, a tensão entre as três centenas de membros da comunidade torna-se palpável. O silêncio, o nervosismo, os sorrisos forçados, a respiração suspensa, os papéis segurados com inquieta firmeza — tudo sugere que algo importante está em causa naquela cerimónia. A fala da Sr.^a Dunbar para o filho ecoa esta ansiedade experienciada pelo leitor: “I wish they’d hurry, I wish they’d hurry” (Jackson, 2019, p. 421).

Neste espírito, adensando a atmosfera de mistério, a Sr.^a Delacroix comenta que o intervalo entre os sorteios anuais parece ser cada vez mais breve. Trata-se do *tempo psicológico*, é evidente, sugerindo que a lotaria talvez não seja, afinal, um acontecimento prazeroso, mas algo temível, que ninguém deseja enfrentar. A corroborar esta suspeita, um diálogo entre dois membros da comunidade revela que algumas localidades já aboliram esta tradição:

“They do say,” Mr. Adams said to Old Man Warner, who stood next to him, “that over in the north village they’re talking of giving up the lottery.”

Old Man Warner snorted. “Pack of crazy fools,” he said. “Listening to the young folks,

nothing’s good enough for them. Next thing you know, they’ll be wanting to go back to living in caves, nobody work anymore, live that way for a while. Used to be a saying about ‘Lottery in June, corn be heavy soon.’ First thing you know, we’d all be eating stewed chickweed and acorns. There’s always been a lottery,” he added petulantly.” Bad enough to see young Joe Summers there joking with everybody.” (Jackson, 2019, pp. 419-420)

Perante este diálogo, o leitor não deixará de questionar: se a lotaria fosse um acontecimento comunitário positivo, teria sido suprimido noutras povoações, por iniciativa dos mais jovens, normalmente indivíduos mais esclarecidos e de ideias arejadas? Pelo contrário, o velho Warner, uma figura autoritária, é contrário a qualquer mudança. Será por acreditar na função do rito da lotaria para obter colheitas pródigas? Ou porque, como mais tarde se deduzirá, sendo tão idoso escapou a todas as lapidações e se julga, assim, imortal?

Por fim, as tiras de papel são abertas, perante a curiosidade excitada dos presentes: “Who is it?,’ ‘Who’s got it?,’ ‘Is it the Dunbars?,’ ‘Is it the Watsons?’ Then the voices began to say, ‘It’s Hutchinson. It’s Bill,’ ‘Bill Hutchinson’s got it.” (Jackson, 2019, p. 422). Trata-se de um momento crucial do enredo, pois permite ao leitor compreender que o resultado do sorteio *não* é um prémio, mas sim algo tenebroso. Neste contexto, Hutchinson não exulta de júbilo, como provavelmente sucederia numa lotaria normal, mas antes contempla o papel em silêncio e talvez incrédulo. Os protestos imediatos e repetidos da esposa corroboram a suspeita de que o sorteio encerra algo sinistro: “You didn’t give him time enough to take any paper he wanted. I saw you. It wasn’t fair!” (Jackson, 2019, p. 422).

Jackson *não* revela de imediato qual é o destino do sorteado. Em vez disso, passa à fase seguinte do evento: uma *segunda* lotaria, agora centrada apenas nos membros da família Hutchinson: o próprio Bill, a esposa e os três filhos: Bill Jr., a jovem Nancy, de doze anos, e o pequeno Dave. Os papéis de todos eles são depositados na caixa negra pelo Sr. Graves, e depois, um por um, retirados e abertos:

“All right,” Mr. Summers said. “Open the papers. Harry, you open little Dave’s.”

Mr. Graves opened the slip of paper and there was a general sigh through the crowd as he held it up and everyone could see that it was blank. Nancy and Bill Jr. opened theirs at the same time. And both beamed and laughed. Turning around to the crowd and holding their slips of paper above their heads.

“Tessie,” Mr. Summers said. There was a pause, and then Mr. Summers looked at Bill Hutchinson, and Bill unfolded his paper and showed it. It was blank.

“It’s Tessie,” Mr. Summers said, and his voice was hushed. “Show us her paper. Bill.” Bill Hutchinson went over to his wife and forced the slip of paper out of her hand. It had a black spot on it, the black spot Mr. Summers had made the night before with the heavy pencil in the coal company office. Bill Hutchinson held it up and there was a stir in the crowd.

“All right, folks.” Mr. Summers said. “Let’s finish quickly.” (Jackson, 2019, pp. 425-426)

5. Reviravolta final chocante

Finalmente, nas derradeiras linhas do conto, o leitor percebe, com estupefação e horror, o objetivo do ritual. Todos os membros da comunidade, incluindo a própria família da Sr.^a Hutchinson, pegam nas pedras para concluírem a cerimónia macabra: o apedrejamento até à morte da pessoa sorteada. Até David, o filho de Tess Hutchinson, recebe alguns seixos, embora mais pequenos, tendo em conta que é uma criança; já a senhora Delacroix escolhe uma pedra tão grande e pesada para oferecer à Sr.^a Dunbar, que necessitou de a segurar com ambas as mãos. Nada faria supor este requinte de crueldade, tendo em conta que a vítima e a agressora pareciam ser amigas, se sentaram juntas durante a cerimónia e até se tinham rido do esquecimento de Hutchinson: ““Clean forgot what day it was,’ [Mrs. Hutchinson] said to Mrs. Delacroix, who stood next to her, and they both laughed softly” (Jackson, 2019, p. 415).

A escolha dos nomes destas e de outras personagens não foi, segundo, Helen E.

Nebecker, aleatória: são aptrónimos, ou seja, remetem para uma característica relevante de uma personagem (Elster, 1997, p. 118). Delacroix significa, em língua francesa, “da cruz”, designação sugerindo, no contexto de “The Lottery”, não um deus salvador, mas sim vindicativo, como o do *Antigo Testamento*; já Adams remete para Adão, o primeiro homem, segundo a parábola bíblica, expulso do paraíso; já o apelido Graves alude, evidentemente, aos túmulos dos sacrificados ao longo dos anos pelo sorteio (Nebecker, 1974, p. 100).

O conto termina de forma atroz, com o grito plangente de revolta, impotência e dor da Sr.^a Hutchinson, a vítima sacrificial, um bode expiatório da comunidade, lapidada em nome de um rito bárbaro destinado a obter melhores colheitas: “It isn’t fair, it isn’t right”, Mrs. Hutchinson screamed, and then they were upon her” (Jackson, 2019, p. 427).

O epílogo de “The Lottery” é, sem dúvida, *imprevisto*; contudo, não deixa de ser verdade que foi preparado por diversos indícios ou pistas, estrategicamente semeados ao longo do enredo, pelo que se torna, no fim de contas, plausível. Conseguir este equilíbrio entre a surpresa e a probabilidade constitui uma tarefa árdua, mesmo para escritores talentosos. Nas palavras de Nigel Watts:

It is no good being unexpected, however, if the surprise wouldn’t happen within the bounds of credibility set by the author. Implausibility is when the reader’s ‘willing suspension of disbelief’ (as Coleridge called the reader requirement) is stretched beyond the point of comfort. If a surprise is predictable or implausible, the average reader will feel cheated: this is low-grade story telling.

Balancing the two things can result in the delightful moment in a story when the reader slaps his forehead and says, ‘Of course, I should have realized.’ (Watts, 1996, p. 38)

Jackson transportou para o universo ficcional um ritual de sacrifício humano. Tais cerimónias encontram-se presentes em numerosos mitos e religiões da antiguidade: os Aztecas arrancavam o coração aos escolhidos; os faraós levavam consigo os escravos e a criadagem para a sepultura, para que os servissem além da morte; na Índia, a deusa Kali era

apaziguada com ofertas mortais; no Japão, durante a Segunda Guerra Mundial, os pilotos Kamikaze davam a vida em nome da pátria, etc. (Bremmer, 2007, p. vii).

Tal sacrifício consistia na oferta de uma vida humana a uma entidade superior, numa data específica do calendário mítico ou religioso. Com esta dádiva, pretendia-se agradar a uma divindade, apaziguá-la ou suscitar a sua compaixão. Implícito, encontrava-se o desejo de obter, em troca, um determinado benefício, fosse ele pessoal ou destinado a toda a comunidade (Benedict, 1944, p. 644). No contexto do conto, o sacrifício pretendia obter boas colheitas, essenciais para a sobrevivência de uma comunidade, tribo ou povo.

O que choca em “The Lottery” é que o sacrifício humano ocorre não num lugar distante e incivilizado, mas numa povoação da Nova Inglaterra; não tem lugar há milénios, mas numa época que pode bem ser a da publicação, os anos quarenta do século XX. Jackson encontrava-se ciente do impacto da escolha do espaço e do tempo do enredo, como se depreende do seu testemunho no número de 22 de julho do *San Francisco Chronicle*:

Explaining just what I had hoped the story to say is very difficult. I suppose, I hoped, by setting a particularly brutal ancient rite in the present and in my own village to shock the story’s readers with a graphic dramatization of the pointless violence and general inhumanity in their own lives. (Friedman, 1975, p. 63)

Para aumentar a estupefação e a eventual revolta do leitor, note-se que o sacrificado não é nenhum energúmeno ou inimigo da comunidade, como sucedia em numerosas sociedades tribais africanas, por exemplo, onde os prisioneiros de guerra eram as vítimas preferenciais. A sua seleção é feita ao acaso, através de um papel com uma marca fatídica, extraído de uma caixa de madeira. O escolhido, que encarna o bíblico bode expiatório, poderá ser um jovem ou um idoso, um homem ou uma mulher, um adulto ou uma criança. Tal não deixa de suscitar tanto o suspense como a revolta do leitor, como assinala, com pertinência, o crítico literário Harold Bloom:

We are in a village so small that everyone appears to know everyone else, and that the

stoning to death of Mrs. Hutchinson has no relation to morality or to explicit religion. Perhaps that adds to the shock effect of “The Lottery”, a story that depends upon tapping into a universal fear of arbitrary condemnation, and of sanctioned violence. (Bloom, 2001, p. 9)

6. Conclusão: uma pequena obra-prima

“The Lottery” constitui uma pequena obra-prima, graças ao tema provocante, ao enigma que permeia todo o texto, à situação espaço-temporal do enredo, ao final macabro e ao tom realista da história. Este é obtido através da linguagem depurada, assente na sábia escolha do *mot juste*, na fluidez dos diálogos e na verosimilhança das personagens: homens, mulheres e crianças do povo.

De tal forma o enredo é credível que um professor da University of Cincinnati questionou, ansioso, Jackson: “I think your story is based on fact. Am I right? As a psychiatrist, I am fascinated by the psychodynamic possibilities suggested by this anachronistic ritual” (Franklin, 2016, p. 1783). Como ele, outros indivíduos expressaram a mesma preocupação: será que esta obra ficcional se baseou nalguma tradição existente na realidade, algures num povoado da América rural?

Tal verosimilhança constitui uma prova do êxito da narrativa de Jackson, que continua a iludir quem a lê, a gerar mistério e a suscitar as mais díspares respostas. O talento desta autora influenciou Joyce Carol Oates, Stephen King, Sarah Waters, Nigel Kneale, Claire Fuller ou Neil Gaiman, entre outros escritores da área do suspense, terror e gótico, e continuará, por certo, a enfeitiçar as gerações futuras.

Referências

- Bell, C. (1997). *Ritual: Perspectives and Dimensions*. New York: Oxford University Press.
- Benedict, R. (1944). Religion. In F. Boas (Ed.), *General Anthropology* (pp. 627-665). Madison: D. C.

Heath.

Bloom, H. (2001). Introduction. In H. Bloom (Ed.), *Shirley Jackson* (pp. 9-10). Broomhall: Chelsea House Publications.

Bremmer, J. N. (2007). Introduction. In J. N. Bremmer (Ed.), *The Strange World of Human Sacrifice* (pp. vii-viii). Dudley: Peeters.

Elster, C. H. (1997). *There's a Word for It!: A Grandiloquent Guide to Life*. New York: Gallery Books.

Franklin, R. (2016). *Shirley Jackson: A Rather Haunting Life*. New York: Liveright.

Friedman, L. (1975). *Shirley Jackson*. Boston: Twayne Publishers.

Hischak, T. S. (2012). *American Literature on Stage and Screen: 525 Works and Their Adaptations*. Jefferson: McFarland.

Jackson, S. (2019). *The Lottery and Other Stories*. London: Penguin.

—. (2013). *Come Along with Me: Classic Short Stories and an Unfinished Novel*. Stanley Edgar Hyman (Ed). London: Penguin.

Jancovich, M. (1992). *Horror, The Film Reader*. London: Batsford.

Lodge, D. (1992). *The Art of Fiction: Illustrated from Classic and Modern Texts*. London: Penguin.

Mancelos, J., de (2017). *Introdução à escrita criativa*. Lisboa: Colibri.

McLaughlin, M. (1963). *The Neurotic's Notebook*. Indianapolis: Bobbs-Merrill.

Nebecker, H. E. (1974, March). “The Lottery”: Symbolic Tour de Force. *American Literature* 46.1, 100-108.

Packer, S. (2007). *Movies and the Modern Psyche*. Westport: Praegar.

Stein, S. (2003). *Solutions for Writers: Practical Craft Techniques for Fiction and Non-fiction*. London: Souvenir Press.

Strinati, D. (2000). *An Introduction to Studying Popular Culture*. New York: Routledge.

Watts, N. (1996). *Writing a Novel and Getting Published*. London: Hodder Headline.

Winks, R. W. (1998). *Mystery and Suspense Writers: The Literature of Crime, Detection, and Espionage*, vol. 1. New York: Scribner's Sons.